



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

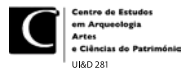
ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE MOURA, UM CONJUNTO DE SILOS MEDIEVAIS ISLÂMICOS: DADOS PRELIMINARES DE UMA DAS SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS DE DIAGNÓSTICO

Vanessa Gaspar¹, Rute Silva²

RESUMO

Situada na margem esquerda do rio Guadiana, Moura goza de uma situação geográfica privilegiada. A proximidade a importantes cursos de água possibilita a existência de terrenos férteis, propícios à agricultura. Esta situação permitiu que comunidades humanas ocupassem este território desde tempos remotos.

Com uma forte ocupação árabe, a cidade foi conquistada em definitivo no século XIII, sendo entregue a defesa deste território aos cavaleiros da Ordem do Hospital.

A fundação do Convento do Carmo surge desta necessidade de defesa.

As escavações realizadas até hoje revelaram uma necrópole medieval, contemporânea à utilização deste convento, bem como uma ocupação anterior, como são exemplo os silos e as cerâmicas aqui apresentadas.

Palavras-chave: Arqueologia Urbana; Reabilitação do Património; Período Medieval Islâmico; Silos.

ABSTRACT

Located on the left side of the river Guadiana, Moura enjoys a privileged geographical situation. The proximity to watercourses has given the city throughout history, access to fertile land. This situation allowed human communities to occupy this territory since ancient times.

With a strong Arab occupation, the city was definitively conquered in the 13th century, with the defense of this territory being handed over to the knights of the Hospital Order.

The foundation of Convento do Carmo arises from this defense need.

The excavations carried out to date have revealed a medieval necropolis, contemporary to the use of this convent, as well as a previous occupation, such as the silos and ceramics shown here.

Keywords: Urban Archeology; Heritage Rehabilitation; Islamic Medieval Period; Silos.

1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Moura localiza-se na margem esquerda do Guadiana, a cerca de 4 km deste rio e ainda mais perto da confluência do Guadiana e do Ardila (afluente do primeiro). A proximidade destes dois importantes cursos de água permite a existência de troços com aluviões tornando estes terrenos férteis, propícios à agricultura. A região de Moura é constituída por três conjuntos

litológicos, designadamente (do topo para a base): os calcários; os depósitos detríticos grosseiros e os arenitos. Os calcários caracterizam-se por serem esbranquiçados, mais ou menos compactos, por vezes pulverulentos e com aspeto margoso. Ocupam o topo da sequência (Carvalhosa e Carvalho, 1970: 15) e estendem-se por uma vasta área a sul do concelho o que ajuda a explicar os recursos hidrológicos existentes, nomeadamente o Sistema Aquífero Moura-

1. Arqueóloga. Câmara Municipal de Moura / vanessa.gaspar@cm-moura.pt

2. Arqueóloga (à data *Arqueohoje, Lda.*) / rute.p.silva@gmail.com

-Ficalho, responsável pelo escoamento hídrico subterrâneo desta região (COSTA, 2008: 49).

A água, os terrenos férteis, mas também os minérios foram a chave para a ocupação do território de Moura. Os minérios terão sido explorados na zona da Serra da Adiça, uma importante área de mineração em época antiga, e terão contribuído para a vitalidade económica da região (MACIAS, 1993: 127).

O ponto mais alto da cidade, situada entre as ribeiras da Roda e de Brenhas, é ocupado pelo castelo, o primitivo núcleo de povoamento. A cota de terreno no interior da fortificação ronda os 200 m acima do nível do mar.

A norte da fortificação os declives são acentuados, atingindo nessa zona cotas inferiores a 100 m; a zona a sul do castelo, mais aplanada, corresponde à área de expansão urbana do período medieval.

O terreno junto às duas ribeiras (Roda e Brenhas), estreito, mas fértil, com hortas e abundantes árvores de fruto, foi utilizado como local privilegiado para abastecimento do povoado, pelo menos a partir do período islâmico. Servido por diferentes caminhos e por uma ponte ali se construíram azenhas e lagares. Corresponderia a um importante espaço na vida económica da cidade (MACIAS, GASPARE VALENTE, 2016: 36).

O Convento do Carmo de Moura, imóvel em apreço e alvo de trabalhos arqueológicos de caracterização, localiza-se em pleno centro histórico de Moura, na união de freguesias de Moura e Santo Amador.

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DE MOURA

O termo de Moura estava, entre o século V e o século XIII integrado num território que dependia de Beja (MACIAS, GASPARE VALENTE, 2016: 25).

Em época islâmica, a povoação era ainda considerada como «castelo da cora de Beja», isto é, ainda dependente da antiga sede do convento pacense (MACIAS, 1993: 128).

Na zona do Ardila, mais concretamente na Quinta de Frades, foi encontrada uma lápide funerária em árabe (LIMA, 2003: 80 – o autor também refere terem sido encontradas sepulturas) que levou a que se considerasse ser a necrópole de uma alcaria (MACIAS, GASPARE VALENTE, 2016: 25).

A possibilidade da existência, neste local, de uma pequena exploração agrícola parece mais lógica do que estarmos perante uma aldeia, já que estamos

numa zona fértil para o cultivo e a uma relativa curta distância do que seria o principal núcleo de povoamento – o castelo.

A par desta lápide, apareceram igualmente cerâmicas do período islâmico, a atestar a cronologia. Destes acervo conserva-se no Museu Municipal de Moura um candil datado dos séculos X-XI.

Nesta zona, nos limites de Moura, a atividade comercial fazia-se de forma constante, sobretudo no que toca à exploração de metais preciosos, neste caso a prata, que seria minerada no sítio de *Totalica* (perto das margens da ribeira de Toutalga), onde haveria «uma minera de mui boa prata e mui branca» (MACIAS, 1993: 128). É muito provável que esta mineração tenha continuado até ao final do período islâmico. É possível que estas minas fossem controladas por famílias, ou clãs locais, que dominavam o território, com raízes no mundo tardo-antigo. Há sobre isto referências de al-Razi sobre a sua secreta exploração pelos seus habitantes (MACIAS, GASPARE VALENTE, 2016: 26).

A existência na região destas minas de prata ditou, certamente, movimentações militares e políticas que terá levado a que o controle dos locais de mineração, com o início do califado, deva ter passado, gradualmente, para Córdova.

A prosperidade do sítio de *Totalica* terá criado condições privilegiadas aos membros da sua comunidade. Em meados do século XI é mandado erigir um minarete no Castelo de Moura por al-Mu'tadid, como sinal de afirmação e autoridade política sobre o território e sobre os importantes recursos mineiros da região (MACIAS, GASPARE VALENTE, 2016: 26).

Entre a conquista (1232) e a sua plena integração na coroa portuguesa, em finais do século XIII (1295), Moura atravessou um período bastante conturbado. Este período foi marcado pela disputa entre Portugal e Castela sobre a margem esquerda do Guadiana, e todas as linhas fronteiriças, altura em que D. Dinis concedeu foral à cidade (VALENTE, 2000:1), dada a sua importância neste processo de Reconquista.

Embora já integrado na coroa portuguesa, este território continuou sendo alvo de constantes disputas nos séculos seguintes. Essas permanentes lutas provocaram danos na fortificação que iam sendo colmatados. No século XIV, ainda no reinado de D. Dinis, foram efetuadas importantes obras de reforço dos castelos de Moura e Serpa. Em 1320, a Ordem de Avis doou um terço das rendas das igrejas de Moura e Serpa para o «refazimento e mantimento dos alcaçeres

dos ditos castelos» (MACIAS e GASPAR, 2005: 10). Do mesmo modo, a Atalaia Magra (torre de vigia do século XIV), localizada junto ao caminho para Aroche, a curta distância de Moura e com contacto visual com o castelo, era destinada a avisar os habitantes da fortificação no caso de eventuais ataques de Castela. Mais tarde, no início do século XVI (1510), encontramos referência à presença de Francisco Arruda em Moura «o dito pedreiro he paguo das primeiras duas pagas e nom tem feitas nem acabadas as ditas obras de Moura e Mourã; e em Moura tem menos que fazer, mas em Mourã he casy tudo por fazer (...)» (MACIAS e GASPAR, 2005: 12). Este documento permite supor que a presença em Moura de Francisco Arruda seria para realizar obras de reparação no castelo medieval e não para uma verdadeira transformação da fortificação existente.

Torna-se evidente a necessidade de proteção deste território a quaisquer ameaças externas, ficando assim justificadas as obras de grande relevância feitas nas diversas fortificações, reforçando-se de forma significativa as estruturas defensivas do período islâmico. Em meados do século XIII, instala-se na cidade a Ordem do Carmo, de vital importância do ponto de vista espiritual e económico, sendo inequivocamente os principais proprietários agrícolas de Moura (MACIAS, GASPAR e VALENTE, 2016: 28).

3. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DA ORDEM DO CARMO

A Ordem do Carmo surgiu, no final do século XI, na região do Monte Carmelo, localizada nas proximidades da cidade de Haifa, pertencente ao Estado de Israel. No século XIII, devido às perseguições islâmicas, os religiosos migraram para o ocidente.

A Ordem dos Carmelitas entra em Portugal no século XIII, como capelães dos militares de São João de Jerusalém, vindos da Terra Santa, com uma primeira fundação em Moura (c. 1251), e uma segunda, mais relevante, por iniciativa de D. Nuno Álvares Pereira, o célebre Convento do Carmo, em Lisboa (<https://www.ordem-do-carmo.pt/>).

Em 1423, realiza-se o primeiro Capítulo Provincial em terras de Portugal, tendo sido eleito Provincial o Dr. Frei Afonso Leitão, ou de Alfama. Elaboraram-se os primeiros Estatutos, que foram aprovados por D. João I, em 1424. Em 1450, inicia-se a construção do Convento de Colares, que só Frei Baltazar Limpo termina, em 1528. Este convento foi transforma-

do em Convento Eremítico da Província, em 1617. Em 1495, funda-se um Convento na Vidigueira; em 1526, o de Beja; em 1531, Évora e o de Coimbra, em 1571. Vão-se sucedendo as fundações no continente e ilhas (<https://www.ordem-do-carmo.pt/>).

Em 1565, Teresa de Jesus de Ávila reforma a Ordem dos Carmelitas, em profunda decadência, fundando em Ávila o primeiro convento das Carmelitas Descalças, que exige uma vida de clausura e austeridade em que predominam as preces e as penitências. São João da Cruz, a partir de 1568, inicia a reforma do ramo masculino da mesma Ordem (GONZÁLEZ & alii., 2020: 9).

Durante a expansão portuguesa no Brasil, a Ordem do Carmo passou por um período de fortalecimento em Portugal. Em todas as casas da Ordem do Carmo surgiu, nesta época, uma preocupação com a consolidação material, visível na ampliação e renovação dos conventos já existentes e no enriquecimento das igrejas, acompanhando o fausto característico da época dos Descobrimentos (GONZÁLEZ & alii., 2020: 9).

Ao longo do tempo, a ordem foi perdendo força: «Depois de tanto florescimento na ordem e na província, surgem dificuldades e percalços, que irão agravar-se com o terramoto de 1755. Vários conventos são abalados, alguns destruídos, falecendo até alguns frades carbonizados. Com isto, o fervor religioso também começa a esmorecer. Tudo termina com a extinção das ordens religiosas, ordenada por Joaquim António de Aguiar, em 1834» (LOURENÇO, 2000/01: 295 *apud* GONZÁLEZ & alii., 2020: 9).

Com o decreto de 28 de maio de 1834 e a consequente extinção das ordens religiosas, as Ordens Primeiras do Carmo (constituídas pelos membros do clero), despojadas dos seus bens, mudam-se para o Brasil, enquanto que em Portugal algumas das propriedades, não expropriadas pelo Estado, passaram para as Ordens Terceiras do Carmo (constituídas pelos membros leigos) (GONZÁLEZ & alii., 2020: 10).

Alguns edifícios foram fechados, outros demolidos e, ainda, outros destinados aos mais diversos usos, como quartéis, *casas-pias*, escolas ou mesmo sede de propriedades agrícolas, extinguindo-se desta maneira a florescente Congregação de Nossa Senhora do Carmo de Portugal.

4. CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE MOURA

O Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura,

fundado cerca de 1251, situa-se a noroeste do castelo e é o mais antigo edifício monástico desta cidade, sendo o primeiro da Ordem Carmelita a ser fundado em Portugal.

A fundação do convento veio na sequência da conquista de Moura aos muçulmanos, no reinado de D. Afonso Henriques (1112-1185), que entregou a defesa do território aos cavaleiros da Ordem do Hospital de São João de Jerusalém (Ordem de Malta) (PÁSCOA, 2003: 47-48).

Contudo, as terras foram novamente perdidas para os muçulmanos e a conquista definitiva de Moura só ocorreu em 1232, sob o comando de Afonso Peres Farinha (f. 1282), que foi Prior dos Hospitalários de 1260 a 1276. O padroado da vila permaneceu com os cavaleiros do Hospital, tendo sido eles que fundaram o convento.

A fundação do Convento do Carmo de Moura terá ocorrido cerca de 1251, ou até 1254, segundo os textos setecentistas que se referem à sua história. Frei Manuel de Sá refere que a fundação se deu até 6 de dezembro de 1254, quando era Papa Inocêncio IV (1195-1254), rei de Portugal D. Afonso III (1210-1279) e a Ordem Carmelita era chefiada por Simon Stock (c. 1165-1265) (GONZÁLEZ *e alii*, 2020: 24).

A ligação inicial do convento à Ordem do Hospital é supostamente comprovada pelas cruzes de Malta que surgem nalguns locais do edifício: «na porta, que serve de entrada à Casa do Capítulo, ou Aula, que antigamente era refeitório, e, dentro nesta mesma Casa, a qual fica debaixo do dormitório antigo» (GONZÁLEZ *e alii*, 2020: 25).

Referem as fontes históricas que os Hospitalários tinham vindo da Palestina cerca de 1240, tendo trazido consigo alguns frades carmelitas, entre os quais dois portugueses. Segundo conta Frei Pedro Bastos, nas *Memórias Paroquiais* de 1758: «Consta serem portugueses dous dos carmelitas que vierão da Pallestina (...), hum chamado Frey José Bitriado (...). Outro Frey Jaques (...) Calibra» (PÁSCOA, 2003: 48).

A Ordem do Carmo era o braço espiritual da Ordem hospitalária (GONZÁLEZ & *alii*, 2020: 25), sendo essa a razão porque os Cavaleiros entregaram o Convento do Carmo de Moura ao cuidado dos carmelitas. Em 1320, o padroado de Moura deixou de pertencer aos Hospitalários e passou para a Ordem de São Bento de Avis (GONZÁLEZ & *alii*, 2020: 25). Nessa altura o Convento do Carmo de Moura ainda era o único carmelita que existia em Portugal, mas em 1389 iniciou-se a construção do Convento do Car-

mo de Lisboa, fundado por D. Nuno Álvares Pereira. Em 1392, D. Nuno convidou alguns frades de Moura para habitar o novo convento.

Desde o tempo de D. Pedro I (1320-1367) que o Convento do Carmo de Moura recebeu proteção régia, proteção essa que se deu sobretudo até ao tempo de D. Sebastião (1554-1578), mas que diminuiu após a Restauração (1640-1668). No seu auge, o convento deteve algum poderio económico na região, as suas propriedades situavam-se «(...) nas mesmas zonas em que os ricos terratenentes da cidade possuem as suas terras (...)» (MACIAS, 1993: 148-149).

Mesmo após 1640, quando perdeu algumas das suas propriedades, ainda detinha poder. Nas *Memórias Paroquiais* de 1758, diz-se: «Constantemente se vê que estão ao presente as rendas do convento mais diminutas, mas não tanto que não seja o convento dos mais ricos que conservão os carmelitas em Portugal» (PÁSCOA, 2003: 48).

Do edifício de fundação medieval pouco restou até à atualidade, constantemente alvo de ampliações e de reestruturações, como disso são exemplo as intervenções ocorridas ao longo do século XVI: a construção do adro, em 1526, resultou de uma intervenção de D. João III; graças ao auxílio de D. Sebastião, foi conseguida a construção da cerca do convento; entre 1593 e 1597 ocorreu a construção do claustro – segundo as datas que se encontram inscritas nas alas noroeste e sudeste.

4. ENQUADRAMENTO DO TRABALHO

O Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, classificado como Imóvel de Interesse Público, através do Decreto nº 33587, DG, 1ª Série, nº 63 de 27 de março de 1944, insere-se no centro histórico de Moura, encontrando-se ainda parcialmente incluído na Zona Especial de Proteção da Casa das Nunes, classificada como Imóvel de Interesse Municipal.

O imóvel é propriedade do Estado Português e fruto da candidatura ao Programa REVIVE, tendo em vista a concessão do edifício do Convento de Nossa Senhora do Carmo para a instalação de um estabelecimento hoteleiro, foi apresentado um projeto de reabilitação e requalificação do espaço (figura 1) e face às condicionantes emitidas pela tutela realizaram-se um conjunto de sondagens arqueológicas de diagnóstico.

O trabalho de campo, sob coordenação da *Arqueo-hoje*, Lda, contou com a colaboração do Município

de Moura, no âmbito do apoio municipal às obras de reabilitação de imóveis particulares no centro histórico da cidade.

5. SONDAGEM ARQUEOLÓGICA DE DIAGNÓSTICO – A ZONA 5

A **Zona 5** surgiu no seguimento de alterações feitas ao projeto. A área sobre a qual incide este trabalho, foi o local escolhido para a instalação de um sistema de saneamento separativo para recolha de águas pluviais. Foi aberta uma sondagem com 6,50 m X 7,50 m (com uma área aproximada de 48 m²) e foi proposta a sua escavação integral até aos 3,20 m de profundidade.

Após a escavação de diferentes níveis de enchimento, sem quaisquer vestígios arqueológicos relevantes, a cerca de 2,15 m de profundidade (à cota de 156,45) apareceram os níveis preservados, nomeadamente três silos escavados no substrato geológico, calcário (figura 2).

O primeiro silo [011], sem tampa, estava escavado na rocha e encontrava-se preenchido com a camada [007], de onde foram exumadas cerâmicas variadas, cujo estudo ainda em curso nos remete para um contexto fechado, com cronologias que apontam para os séculos XII-XIII. De perfil troncocónico e fundo plano, esta estrutura negativa apresenta a profundidade máxima 1,75 metros (cota de topo no bocal 156.20 / cota de fundo 154.45), um diâmetro mínimo de 0,54 m e um diâmetro máximo de 2,05 m (figura 3).

O segundo silo [008], apareceu depois de retirada a camada [005], desta vez com a tampa preservada *in Situ*, à qual se atribuiu a unidade estratigráfica [012]. As pedras que constituíam a tampa estavam à cota de 156.12 e depois de retiradas, verificou-se que este se encontrava vazio, sem qualquer sedimento ou cerâmicas. De perfil em tudo semelhante ao anterior, troncocónico e fundo plano, esta estrutura negativa tem a profundidade máxima de 1,77 metros (cota de topo no bocal 156.02 / cota de fundo 154.25), um diâmetro mínimo de 0,44 m e um diâmetro máximo de 2,32 m (figura 4).

O terceiro silo [014] apareceu a poucos centímetros de distância dos anteriores e, tal como o primeiro, não apresentava vestígios de tampa. Depois de retirados os seus sedimentos [009] (sedimento localizado ao nível da boca) e [013] (sedimento que correspondia à quase totalidade do seu enchimento),

foram exumados alguns materiais cerâmicos bem preservados, fragmentos pertencentes a peças de grandes dimensões, bem como peças quase completas, como uma pequena jarra e um candil, bem como algumas frigideiras. Foram, igualmente, retirados alguns materiais metálicos que se encontram em tratamento de modo a fornecerem uma melhor leitura e, deste modo, uma proposta de datação. No entanto, e depois de uma análise destes vestígios cerâmicos, aponta-se como cronologia provável de abandono desta estrutura negativa o século XIII. Este silo tem uma profundidade máxima de 1,83 metros (cota de topo no bocal 156.22 / cota de fundo 154.39), um diâmetro mínimo de 0,80 m e um diâmetro máximo de 1,82 m (figura 5).

Estas três estruturas negativas são morfologicamente semelhantes entre si, estando escavadas no substrato rochoso e sem vestígios de impermeabilização e com uma capacidade de armazenagem semelhante, a oscilar entre os 2300 litros (Silo 1), os 2600 litros (Silo 2) e os 2400 litros (Silo 3).

Face à cronologia proposta para os materiais exumados nos diferentes silos escavados na Zona 5, colocamos a hipótese da realidade aqui detetada corresponder a um momento anterior à fundação da primitiva Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo.

6. CULTURA MATERIAL

Após a análise da amostragem do espólio cerâmico recolhido nos enchimentos dos silos 1 e 3 (figura 6), definimos como metodologia uma abordagem à forma das peças de acordo com quatro categorias funcionais (SILVA, 2011: 36):

- Utensílios destinados ao armazenamento e transporte, ao qual pertencem: a talha, o pote, o pequeno pote e o cântaro;
- Utensílios de serviço de mesa, onde se inserem: a tigela, a taça, a jarrinha, o púcaro, o jarro, a bilha, a cantarinha/infusa e a garrafa;
- Utensílios de utilização na cozinha: como a panela, a caçõila e o alguidar;
- Outros objetos de uso específico: lúdico (malha de jogo), doméstico (tampas ou testos) e para iluminação (candil).

Utilizou-se, igualmente, uma distinção de acordo com a decoração e técnicas de acabamento do conjunto em estudo. Identificaram-se diferentes tipos de técnicas decorativas, nomeadamente: aplicada, pintada, aguada ou engobada, vidrada, brunida e caneluras.

6.1. Utensílios destinados ao armazenamento e ao transporte³

Neste grupo de utensílios incluem-se recipientes de formas fechadas capazes de conter ou transportar alimentos líquidos ou sólidos.

Na amostragem, ainda em estudo, constatámos uma reduzida presença de fragmentos de talha, mas identificámos alguns fragmentos de potes e cântaros.

Esta categoria era constituída por peças de cerâmica comum, sem qualquer tipo de decoração.

6.2. Utensílios de serviço de mesa.

(figuras 7 e 8) Esta categoria reporta-se a utensílios de pequena e média dimensão destinados a servir alimentos à mesa. Pela sua utilidade verificámos que o acabamento era, maioritariamente, vidrado por conferir uma maior impermeabilidade às peças. A grande maioria das formas observadas eram tijelas, bilhas, gargalos provavelmente pertencentes a jarros, taças, jarrinhas (Peça 1) e púcaros. Destacamos, as peças vidradas a melado, a melado e manganês (Peça 2), a melado levemente esverdeado e a vidrado verde.

Existe, igualmente, um conjunto de peças pintadas, fundamente a branco, mas também a vermelho e, raramente, a negro. Temos, como exemplo, peças de pequena dimensão, como púcaros, decorados com pequenos pontos ou com a conjugação de bandas horizontais e bandas verticais.

Carece ainda de confirmação a presença de corda seca parcial, em fragmentos de reduzidas dimensões que não permitem determinar as suas formas. Entre as peças já estudadas destacamos bilha (frasco/garrafa, segundo REINA e TORRES, 2005: 231) de uma asa, com caneluras no bojo, decorada a vidrado verde com vestígios da presença de reflexos metálicos dourados (Peça 3).

6.3. Utensílios de uso na cozinha.

(figura 9) Esta categoria de peças constitui a maioria dos fragmentos em estudo, destinadas a preparar e cozinhar os alimentos.

Neste conjunto destacamos uma quantidade significativa de painéis e caçoilas, algumas com vestígios de fogo.

Todas estas peças são em cerâmica comum algumas

delas decoradas, nomeadamente decoradas com caneluras e/ou pinturas. Os motivos mais frequentes, fundamentalmente nas painéis, são as bandas horizontais e verticais a branco (Peça 4).

Relativamente às caçoilas (Peça 5), embora em número significativo, não encontramos as tradicionais caçoilas com aplicações plásticas, vulgarmente apelidadas de *costillas*.

No enchimento do Silo 1 foi recolhido um fragmento de grandes dimensões de um alguidar, em cerâmica comum, com decoração aplicada em cordão digitado.

6.4. Outros objetos de uso específico.

(figura 10) Neste grupo incluímos objetos de uso lúdico, como por exemplo malhas de jogo; objetos de uso doméstico, como tampas e testos; objetos destinados a iluminação – candis.

Nos objetos lúdicos, identificámos uma única peça, classificada como malha de jogo que terá sido reaproveitada de uma peça vidrada.

Em relação às tampas, observaram-se diversos tamanhos e formas quer na própria peça quer nas pegadas. Todas elas em cerâmica comum, sem qualquer decoração.

Até à data identificámos apenas um exemplar de candil (Peça 6), em vidrado melado.

CONCLUSÃO

O estudo dos materiais exumados nos diferentes silos escavados na Zona 5 só agora se iniciou, mas atendendo ao que aqui foi exposto, o resultado da realidade detetada aponta para estarmos perante vestígios que se situam num momento anterior à fundação da primitiva Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo.

Os dados aferidos até ao momento, mostram-nos um contexto fechado, com materiais arqueológicos cronologicamente coerentes entre si, com uma cronologia provável de abandono destas estruturas negativas em torno do século XIII.

É intenção da equipa científica responsável pelo trabalho arqueológico realizado no Convento do Carmo de Moura prosseguir o estudo dos diferentes dados recolhidos no decurso da intervenção arqueológica de diagnóstico.

3. Face ao número reduzido de imagens permitidas optou-se por não individualizar, fotograficamente, as peças deste conjunto.

Catálogo

Peça 1

Tipo – Jarrinha

Dimensões – 102 mm altura; 89 mm Ø bordo;

99 mm Ø bojo; 58 mm Ø base

Morfologia – Peça com perfil completo, bordo boleado reto, colo cilíndrico vertical bem diferenciado do bojo, globular. Com duas asas (perfil em “D”) que arrancam da parte superior do colo até meio do bojo, base plana

Decoração – Inexistente

Cronologia – XII

Peça 2

Tipo – Tijela

Dimensões – 42 mm altura; 160 mm Ø bordo;

58 mm Ø pé

Morfologia – Peça com perfil completo, bordo extrovertido boleado, corpo semi-esférico, pé anelar

Decoração – Toda a peça revestida a vidro melado, no interior vidro melado e manganês

Cronologia – XII-XIII

Peça 3

Tipo – Bilha

Dimensões – 112 mm altura; 88 mm Ø bojo;

62 mm Ø pé

Morfologia – Ausência de colo e bordo, corpo periforme, base plana com pé diagonal. Com arranque de asa de rolo

Decoração – Toda a peça revestida a vidro verde (diferentes tonalidades) com vestígios da presença de reflexos metálicos dourados. Caneluras horizontais na parte mais larga do bojo, junto ao colo as caneluras são mais estreitas

Cronologia – XII-XIII

Peça 4

Tipo – Panela

Dimensões – 145 mm altura; 216 mm Ø bojo;

125 mm Ø bordo; 131 mm Ø base

Morfologia – Peça de perfil completo, bordo vertical, biselado, corpo globular com arranque de duas asas verticais, possivelmente de fita, e base plana

Decoração – Decoração ao nível do bojo, com caneluras horizontais e vestígios de pintura a branco com linhas verticais e oblíquas

Cronologia – XII-XIII

Observação – marcas de contacto com o fogo

Peça 5

Tipo – Caçoila

Dimensões – 72 mm altura; 231 mm Ø bojo;

135 mm Ø base

Morfologia – Peça com perfil completo, bordo introvertido diagonal, com sulco pronunciado (provavelmente para assentar uma tampa), com duas asas de rolo (uma delas só o arranque), com carena acentuada e base plana

Decoração – Engobada no interior, com vestígios de engobe no exterior (aparentemente dritações não intencionais)

Cronologia – XIII

Peça 6

Tipo – Candil

Dimensões – 58 mm altura; 112 mm comprimento;

74 mm largura; 32 mm Ø bordo

Morfologia – Peça com perfil completo, bordo boleado, corpo fortemente carenado, base plana, asa de fita, bico com paredes planas e bem facetadas

Decoração – Vidro melado

Cronologia – XII

BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA

CAEIRO, Elsa (2005) – *Os Conventos do termo de Évora*. Dissertação de doutoramento em *Urbanística y Ordenación del Territorio*. Universidade de Sevilha.

Disponível em <https://idus.us.es/handle/11441/15561>.

CARVALHOSA, A. Barros e CARVALHO, A.M. Galopim de (1970) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1:50000 – notícia explicativa da folha 43-B: Moura*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

COSTA, Augusto (2008) – *Modelação matemática dos recursos hídricos subterrâneos da região de Moura*. Dissertação de doutoramento em Ciências da Engenharia apresentada à Universidade Técnica de Lisboa.

Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.9/1280>.

GOMES, Rosa; GOMES, Mário (2001) – *Palácio Almoada da Alcáçova de Silves*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

GONZÁLEZ, Maria Teresa; MACHADO, Melissa; FIGUEIRA, Nádia; BAPTISTA, Pedro (2020) – *Convento de Nossa Senhora do Carmo, Moura. Relatório Prévio*. Lisboa: Arqueohoje.

LIMA, José Fragoso de (2003) – *Elementos Históricos do concelho de Moura*. Moura: Câmara Municipal de Moura.

MACIAS, Santiago (1993) – Moura na Baixa Idade Média: elementos para um estudo histórico e arqueológico in *Arqueologia Medieval*. 2. Porto: Edições Afrontamento, pp. 127-157.

MACIAS, Santiago; GASPAS, Vanessa (2006) – *Fortificações Modernas de Moura*. Moura: Câmara Municipal de Moura.

MACIAS, Santiago; GASPAS, Vanessa; VALENTE, José Gonçalo (2013) – *Castelo de Moura: escavações arqueológicas 1989-2013*. *Catálogo*. Moura: Câmara Municipal de Moura.

MACIAS, Santiago; GASPAS, Vanessa; VALENTE, José Gonçalo (2016) – *Castelo de Moura: escavações arqueológicas 1989-2013*. *Textos*. Moura: Câmara Municipal de Moura.

PÁSCOA, Marta Cristina (2003) – *Memórias Paroquiais da Vila de Moura e o seu Termo*.

Recolha e transcrição. Moura: Câmara Municipal de Moura.

ROSA, Sérgio Manuel Peleja (2019) – *Os Silos Medievais de Almada. Morfologia e dinâmicas de utilização*. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/75609>.

SILVA, Marta Cristina de São Marcos Incio da (2011) – *A Cerâmica Islâmica da Alccova de Santarém, das unidades estratigráficas 17, 18, 27, 28, 30, 37, 41, 193, 195, 196, 197 e 210*. Volume 1. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/5361>.

SILVA, Marta Cristina de São Marcos Incio da (2011) – *A Cerâmica Islâmica da Alccova de Santarém, das unidades estratigráficas 17, 18, 27, 28, 30, 37, 41, 193, 195, 196, 197 e 210*. Volume 1. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/5361>.

REINA, Manuel Vera; TORRES, Pina López (2005) – *La cerâmica medieval sevillana (siglos XII al XIV). La producin trianera*. England: BAR International. Series 1403. Disponível em <https://abre.ai/gnT8>.

SILVA, Rute; GASPAS, Vanessa (2022) – *Convento de Nossa Senhora do Carmo, Moura. Relatório Preliminar*. Moura: Arqueohoje, Câmara Municipal de Moura.

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago, coord. (2001) – *Museu de Mértola. Arte Islâmica*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

VALENTE, David M. P. (2000) – *Acerca dos Forais de Moura*. Moura: Câmara Municipal de Moura.

<https://www.ordem-do-carmo.pt/>.

Ficha Técnica

Trabalho arqueológico: Rute Silva e Vanessa Gaspar (Arquelogas); Marta Coelho (Técnica de Arqueologia); Rogério Henriques; Fábio Chibito; Valter Galante; José Condessa; Joaquim Ramalho (Assistentes Operacionais de Arqueologia).

Desenhos de campo: Marta Coelho e Vanessa Gaspar.

Conservação e Restauro do espólio apresentado: Marta Coelho.

Fotografias: Vanessa Gaspar.

Maquete do projeto: Openbook.



Figura 1 – Maquete Projeto de Reabilitação do Convento do Carmo de Moura; Imagem cedida pela empresa projetista Openbook.



Figura 2 – Zona 5; Plano Final.

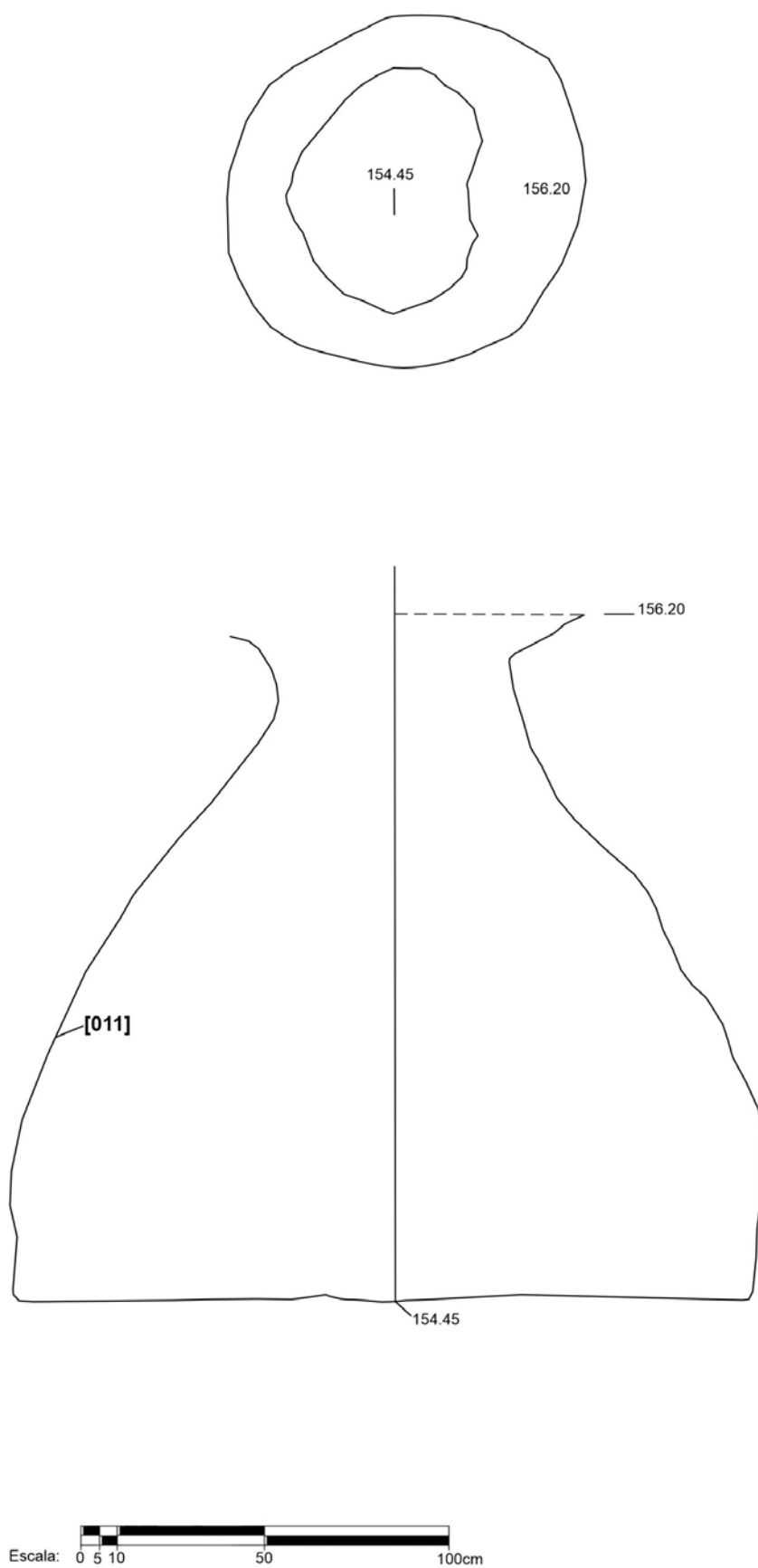


Figura 3 – Silo 1; Perfil Noroeste / Sudeste.

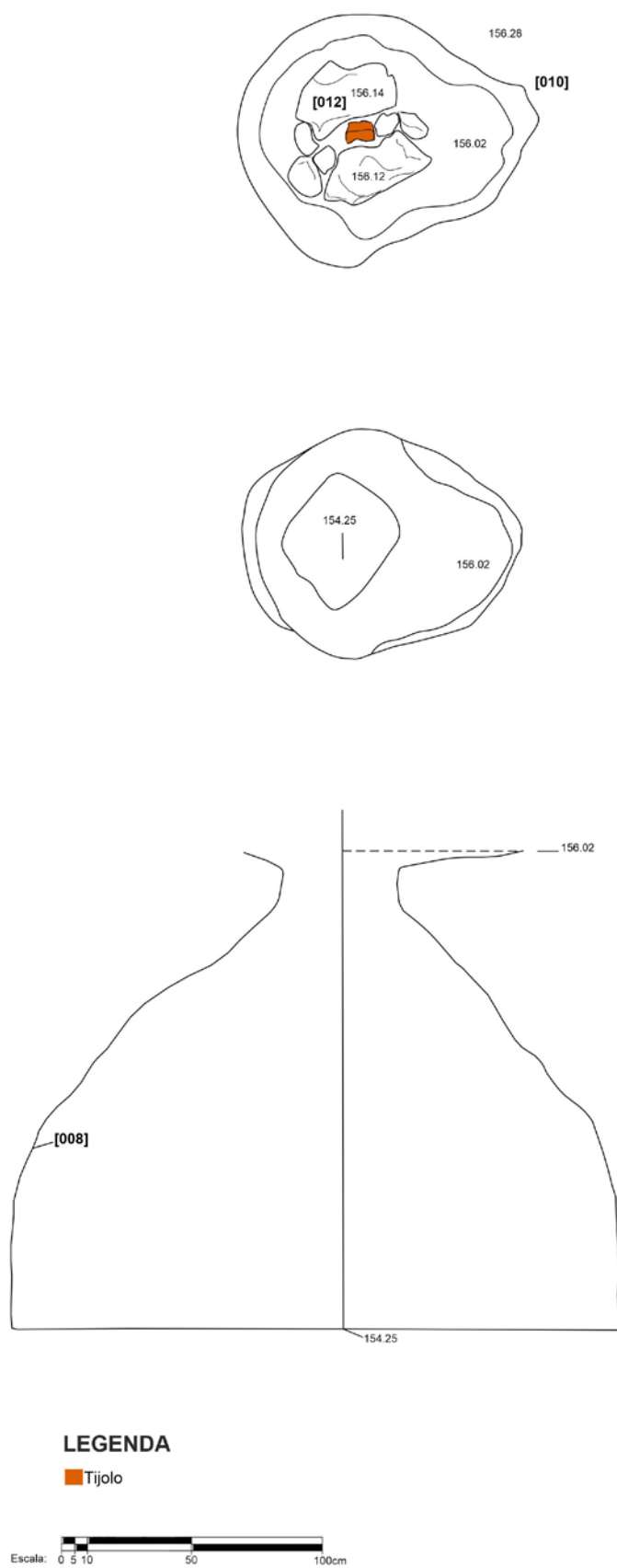
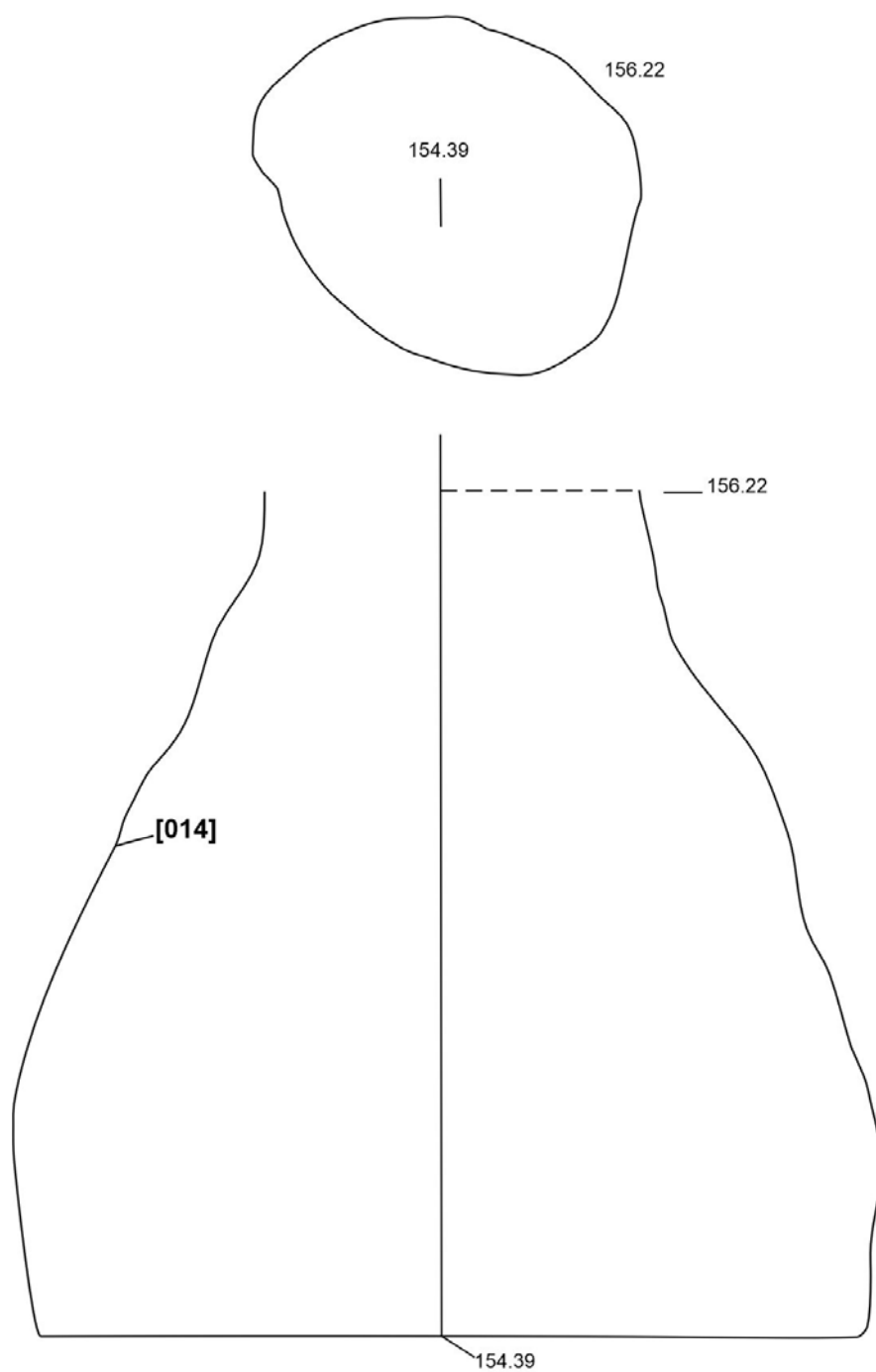


Figura 4 – Silo 2; Tapa e Perfil Sudoeste / Nordeste.



Escala: 0 5 10 50 100cm

Figura 5 – Silo 3; Perfil Norte / Sul.



Figura 6 – Silo 1; Pormenor do seu enchimento.



Figura 7 - Peça 1; Jarrinha.



Figura 8 - Peça 3; Bilha decorada em vidrado verde com reflexos metálicos dourados.



Figura 9 - Peça 4; Panela decorada com pintura a branco.



Figura 10 - Peça 6; Candil em vidrado melado.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**